

POR QUÊ DANÇAR NA ESCOLA EM UMA ÉPOCA DE CRISE?

Débora Barreto²

RESUMO: De um modo geral, na maioria das academias, a dança tem sido ensinada de forma a se dicotomizar corpo e mente, valorizando apenas a técnica e a alta *performance* (as "ninfas" e "sífides" virtuosas) e estimulando a "ego-ação" do dançarino.

No entanto, com base em autores como TAYLOR, BABIN, FREIRE e outros, pode-se pensar o ensino da dança como um "diálogo de corpos", no qual corpo e mente, conhecimento intuitivo e racional, sejam integrados, respeitando-se, assim, a liberdade de cada indivíduo de refletir criticamente sobre o significado da arte de dançar.

Palavras-Chave: Dança; Ensino de Dança; Dança e Educação; Educação Artística.

Introdução

Atualmente estamos vivendo um período de crise mundial que percorre vários aspectos da vida, a habitação, as relações humanas, a economia, as artes, a tecnologia e a política. CAPRA (1982), afirma que é uma crise de dimensões intelectuais, morais e espirituais; uma preemência sem precedentes em toda a história da humanidade. Pela primeira vez temos que nos defrontar com a real possibilidade de extinção da espécie humana e de toda a vida no planeta.

Enquanto grandes potências investem trilhões de dólares em armas nucleares, nos países de Terceiro Mundo milhões de pessoas morrem de fome ou vivem em condições sub-humanas. Assim, multiplicam-se os sinais de degradação social, como: o desemprego em todas as áreas de trabalho, inclusive no campo da dança, como ocorreu com os bailarinos do Corpo de Baile do Teatro Municipal da Cidade de São Paulo, que perderam seus empregos na gestão do senhor prefeito Paulo Maluf; as epidemias, como a da AIDS, que tem sido a causa da morte de muita gente, incluindo artistas como Cazusa e Jorge Down (do Bolero de Ravel); os crimes que estão diante de nós, nas ruas, nas TVs; a inflação galopante que mesmo após o Plano Real continua instável, além do grande número de jovens que utilizam-se de álcool e outros entorpecentes.

Inseridos nesta triste realidade, encontramos pequenos grupos de pessoas, que

constituem uma elite, freqüentadora de cursos de dança em academias. Grande parte dessas academias são estabelecimentos comerciais que mantém seus cursos com objetivos lucrativos. Em geral, não têm a preocupação de pensar sobre a dança e, desta forma, contribuem para manter as pessoas cada vez mais alienadas à realidade.

Algumas Academias e seu Potencial Alienante.

Em grande parte dos espaços das academias o corpo é visto como objeto, cujo significado define-se a partir da habilidade de reproduzir uma linguagem técnica. A valorização deste "dançarino" baseia-se nessa aparência superficial de um corpo como instrumento bem treinado para a precisão e alta *performance*. Esse universo estimula a ego-ação do dançarino, ou seja, a atitude egocêntrica de sentir-se "o melhor", desencadeando verdadeiras "guerras competitivas" pelos papéis principais nos grandes ballets.

Nas academias dificilmente conseguimos perceber dialogicidade entre os corpos, praticamente não há comunicação entre as pessoas. Portanto não há espaço para o indivíduo que pretende desenvolver-se dentro de sua realidade relacionando-se com ela; sobrevivem apenas as "ninfas" e "sífides" virtuosas. Esse espaço contribui para que se resgatem, na sociedade contemporânea, os valores, pensamentos e costumes que fizeram parte de uma outra época da história, cuja expressão artística deveria ser muito diferente da atual. Desta forma, são

¹ Este trabalho não poderia se realizar sem a preciosa colaboração e orientação da Professora Isabel A. Marques, da Faculdade de Educação da UNICAMP. A ela, meus sinceros agradecimentos.

² Aluna do 3º ano de Graduação em Dança - Faculdade de Educação - UNICAMP - 13084-111 - Campinas - Estado de São Paulo.

incentivados os ideais de restauração e reprodução de uma sociedade retrógrada, quando poderíamos estar propondo uma visão de mundo transformadora e condizente com a realidade contemporânea.

A Dança como "Diálogo de Corpos": um Processo de Comunicação, Educação e Transformação.

Freire (1977, p. 93) afirma que o diálogo tem duas dimensões, ação e reflexão, que são solidárias e interagem entre si.

"O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para **pronunciá-lo**, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu".

Mais adiante, complementa o autor: "Sem diálogo não há comunicação e sem esta não há educação". (idem)

Se nos basearmos neste pensamento, poderemos dizer que na maior parte das academias ocorre o processo de educação em dança, com uma visão crítica e transformadora da realidade?

Saindo desse estilo de academia e caminhando em direção à escola proposta por Babin (1989), podemos pensar em desenvolver a dança como forma de conhecimento a ser vivenciado e compartilhado socialmente, possibilitando a análise, a crítica e a síntese do mesmo, de forma que seja contextualizado, ajude o indivíduo a dar identidade (a si mesmo e às coisas) e o prepare para recriar a realidade com um compromisso com a contemporaneidade.

Pode a Dança Desenvolver o Conhecimento Integrando Corpo e Mente?

Segundo Taylor (1991), o ato de dançar relaciona implicitamente infinitas coisas, engloba questões de natureza pessoal, política social e cultural. Envolve necessidades da alma e pode desenvolver o conhecimento, integrando corpo e mente.

Capra (1982) acredita que existem duas maneiras de perceber e conhecer o mundo, a intuitiva e a racional. Esses dois modos de conhecimento são complementares no funcionamento da mente humana.

O pensamento racional é linear, concentrado e analítico, gera a atividade egocêntrica ou a ego-ação. O conhecimento intuitivo baseia-se numa experiência direta da realidade, decorre de um estado ampliado de percepção consciente. É sintetizador, holístico e não linear. Gera a atitude ecológica, ou a eco-ação. Qual seria a função do ensino da dança em relação ao trabalho com as duas formas de conhecimento?

O ensino da dança na escola deve buscar um equilíbrio entre o conhecimento racional e o intuitivo. Como? Desenvolvendo a sabedoria do corpo, que consiste na percepção de si, do mundo e do outro através dos sentidos, estimulando a construção das

"teias de relação" e a eco-ação, cooperando com o meio ambiente. E, além disso, trabalhando também a sabedoria da mente, o pensamento linear, desenvolvendo a concentração e a capacidade de análise e de crítica.

A Dança em uma Era Científica, Cercada por uma Cultura Racionalista.

Como já verificamos anteriormente, na maior parte das academias, a ego-ação sobrepõe-se a eco-ação. Quais seriam as ego-ações? Todas as atitudes onde estiver presente o egocentrismo, por exemplo, a competição entre os dançarinos.

A predominância da ego-ação não ocorre somente nas academias; ela é muito freqüente nos dias de hoje e isso se deve à nossa cultura dominada pela ciência e pelo pensamento racional. A ênfase dada ao pensamento racional na cultura ocidental está sintetizada no célebre enunciado de Descartes: "Penso, logo existo", o que encorajou os ocidentais a identificarem-se com suas mentes e não com seus organismos totais. Os feitos desta divisão entre corpo e mente estão bem diante de nossos olhos. Quando pensamos com nossas mentes e abandonamos nossos corpos, estamos nos desligando do ambiente natural, deixando de cooperar com a natureza e com tudo o que é vivo. Assim estamos vivenciando um desequilíbrio ecológico.

O Ensino da Dança: Mudança de Paradigma e Transformação da Realidade.

Segundo Capra (1982),

"(...) a transição da situação está relacionada com os valores culturais. Envolve o que hoje é freqüentemente chamado de 'mudança de paradigma', - uma mudança profunda no pensamento, percepção e valores que formam uma determinada visão de realidade".

Poderia o ensino de dança contribuir para que ocorresse uma mudança de paradigma em nossa cultura?

A dança é uma importante forma de comunicação e expressão que está fortemente enraizada na nossa cultura. O ensino da dança nas escolas tem o potencial de contribuir para uma mudança de paradigma, ajudando o indivíduo a perceber o mundo como uma múltipla "teia de relações" dinâmicas entre arte, ciência, sociedade, cultura, homem e vida.

Necessitamos de um processo de ensino de dança que integre o conhecimento intuitivo ao racional, respeitando o indivíduo e dando-lhe a liberdade de reflexão e de crítica sobre o significado da arte de dançar, sua relação com ele mesmo, com a sociedade, com a vida e com a contemporaneidade. Iniciando este percurso, estaremos contribuindo com a vida, norteados por uma visão transformadora do ensino de dança e da realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. BABIN, P. Os novos modos de compreender. S. Paulo: Paulinas, 1989.
02. CAPRA, F. O ponto de mutação. São Paulo: Cultrix, 1982.
03. FREIRE, P. Educação e mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
04. _____. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
05. TAYLOR, S. Dança em uma época de crise social: em Direção a uma Visão de Mundo Transformadora de Arte-Educação. Trad. Isabel A. Marques. S.n.t. (mimeog.).